

# SELEÇÕES EM FOLHA

Breve: [www.haicu.sf.nom.br](http://www.haicu.sf.nom.br)

Ano X, Nº 9 – 2006, SETEMBRO

Assinatura até Dezembro de 2007: 15 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,55) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Uma mora de Tripoli tenia  
 uma perla rosada, uma gran perla:  
 y la echó con desdén al mar un día:  
 – “¡Siempre la misma! ¡ya me cansa verla!”  
 Pocos años después, junto a la roca  
 de Tripoli... ¡la gente llora al verla!  
 Así le dice al mar la mora loca:  
 – “¡Oh mar! ¡oh mar! ¡deuvelveme mi perla!”  
*La Perla de la Mora*

José Julián Martí 1853-1895, Versos en La Edad de Oro,  
 José Martí Poesía Completa, Tomo II,  
 Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Controvérsia? Na dúvida, contesto que exista sobrevida após a morte. O espírito é fugaz, e o meu protesto não se baseia nas versões da sorte. A verdade que em tempo, manifesto aceita que haja apenas um transporte do que fora da terra e agora é o resto de um corpo que partiu, sem passaporte. Pouco haverá no túmulo sombrio do ser humano que viveu desnudo, da mística ilusão, no calafrio. Só ficarão os ossos, se intocados. A carne, em seda, em túnica, em veludo, será banquete dos invertebrados. Walter Siqueira, Canto Funebre; em Fanal 9510	Se queres de sonetos ser autora e clássica, portanto, poetisa, sê, primeiro, gentil dominadora da silaba poética e precisa. Da moderna poética és cultora, mas as duas escolas têm divisa: na nova te fizeste superiora onde o soneto não se localiza. Se os versos seus dez silabas contém, estas são sempre assim acentuadas: a quarta, a sexta e a décima, por fim; ou quarta, oitava e décima também; ou só a sexta e à décima são dadas as tónicas, a dar final assim. José Paes, A Uma Sonetista Iniciante; em Fanal 9511 Rui Álvares Machado 22, 1º – Fone (0 11) 6202-0193 01501-030 – São Paulo, SP	Eu amo no Soneto a forma delicada, a cadência sutil que no verso resume quer o idílio inocente ou paixão sublimada, quer da aurora o rubor ou da noite o negrume. Um sorriso, uma dor, o aguilhão de um ciúme, vestem nítida cor, e na frase rimada, em perfeita medida há o toque de perfume que tantas vezes falta à forma liberada. Tudo o que vibra e tange ao som dos universos transporta-se ao vigor dos seu quatorze versos, na harmonia que envolve essa eterna canção. E o Soneto, paixão do vate enamorado, há de ser para sempre a voz do seu chamado, o mais belo instrumento à sua inspiração. Dorothy Jansson Moretti, Soneto; em Fanal 9510
--	---	---

Só trabalho que consome pouca fala e muita ação, tira a tragédia da fome do palco de uma nação. Aurolina Araújo de Castro, 9511 Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo, SP	Nas ilusões delirantes do amor que vem sem alarde, o dia amanhece antes, e a noite dorme mais tarde! Eduardo Toledo, 0608 Trovia: alw@mgalink.com.br	O meu sonho não escondo: é transformar as veredas que a vida me vem propondo nas mais belas alamedas! Ida Dutra Sacramento, 0608 Trovaigre: Caixa Postal 181 37550-000 – Pouso Alegre, MG	Ocaso, declina o dia e vago rumor de prece sufraga a melancolia da tarde que empalidece! Neide Freire, 0609 O Patusco: Caixa Postal 95 61600-000 – Caucaia, CE	Oh! – literato, posudo, pascácio, de nomeada, quem pensa, que sabe tudo, é, um fátuo, não sabe nada!... Pedro Grilo, 0509 O Pitiguari: Rua Guanabara 542, 59014-180 – Natal, RN	Meu coração vai à luta indefeso e apaixonado como se fosse um recruta pisando em campo minado. Therezinha Diegues Brisolada, 0608 Koisalinda: Rua Liberdade 182 14085-250 – Ribeirão Preto, SP
--	--	--	---	--	---

Pura questão de alvedrio na hora vezaz do aperto, Liberdade – um desafio entende-la com acerto.	Chega às raías da demência, que o ódio e a ganância encerra, na Terra tanta violência por um punhado de terra!...	Mais que a bomba que estilhaça é cruciante a mortalha do silêncio que perpassa sobre um campo de batalha.	Há um delírio silencioso, que envolve a vegetação, e acorda o solo sequioso quando chove no sertão.	Frustrando a ilusão que eu tinha, enredei-me na esparrela, minha terra não é minha sou eu que pertenceo a ela.	Graças a Deus – e a poesia, já bem próximo do fim, posso dizer que hoje em dia estou mais perto de mim.
---	---	---	---	--	---

Newton Meyer de Azevedo, de seu livrete Trovas do Ano 2005

## TEMAS DA SAZÃO PRIMAVERA – QUIDAIS DE PRIMAVERA

Ao se pôr o sol no Dia do Fazendeiro dança no paiol. Amauri do Amaral Campos	No quintal vizinho, flores alvas, flores róseas. Plantas de gladiolo. Analice Feitoza de Lima	Gatos em amor num dueto prolongado. Menino assustado. Cecy Tupinambá Ulhôa	Praça ensolarada! No Dia da Juventude uns jovens estudam! Edel Costa	Cerol no linhão mortal, lá vai pagapaio soltar pivetão. Fernando L. A. Soares	Desfraldada ao vento, a bandeira do Brasil. Dia da Independência. Flávio Ferreira da Silva	No pátio escolar crianças comemoram o Dia da Arvore. Helvécio Durso
---	--	---	---	--	---	--

## HAICUS EM FOLHA

Cantos e murmúrios, entre as pedras do riacho. Rio de primavera! C Amália Marie Gerda	Reflexos de sol, no rio de primavera, brilham sobre as águas. H Amália Marie Gerda	Pétalas flutuam no rio de primavera. Lembranças da flor. H Amauri do Amaral Campos	Água em calmária. No rio de primavera chalana subindo. A Analice Feitoza de Lima	Águas coloridas. Um rio de primavera transportando flores. C Angélica Villela Santos	Céu de nuvens baixas. Vem a chuva-de-caju! Nordestinos dançam. E Angélica Villela Santos	Chuva-de-caju. Os catadores festejam a nova colheita. O Antônio Seixas
Embaixo da ponte, o rio de primavera aumenta seu leito. O Antônio Seixas	A garça voando água escorrendo nas pedras rio de primavera. H Cecy Tupinambá Ulhôa	Prosa animada, barbearia lotada. Dia do Barbeiro. O Cecy Tupinambá Ulhôa	As gotas escorrem nas frutas coloridas. Chuva de caju. O Cecy Tupinambá Ulhôa	Rama flutuando acolhe casal de pássaros. Rio de primavera. E Darly O. Barros	Água benfezaça alimenta a plantaçoão. Chuva de caju. H Darly O. Barros	Gorjeta polpuda nas mãos do profissional. Dia do Barbeiro. W Darly O. Barros
Com flores boiando, passam as águas tranqüilas: rio de primavera. O Djalda Winter Santos	Empunha a navalha com um sorriso nos lábios: Dia do Barbeiro. W Djalda Winter Santos	Na sala espelhada, sorrisos, jornais, café... Dia do Barbeiro! H Elen de Novais Felix	Fundo de quintal... Chuva de cajus maduros, colorem o chão! W Elen de Novais Felix	Exerce sua arte com pente, tesoura e escova. Dia do Barbeiro. H Flávio Ferreira da Silva	Flores carregadas, curso entre luzes e sombras. Rio de primavera. W Manoel F. Menendez	Águas perfumadas, margens plenas de açucenas, rio de primavera. H Maria App. Picano Goulart
Dia do Barbeiro. Uma fila se formando. Corte mais barato. W Mª Marlene N. Teixeira Pinto	As flores boiando no rio de primavera perfumam as águas. A Renata Paccola	Garota se banha no rio de primavera à luz do luar. H Renata Paccola	Chuva-de-caju. Entre as ramas do arvoredro frutos amarelos. O Roberto Resende Villela	Sementes caíndo no rio de primavera. Peixes saltitando. W Roberto Resende Villela	Rio de primavera. Uma garça alça vôo lá na outra margem. E Sérgio F. Pichorim	Rio de primavera. Refletem em suas águas flores da barranca. O Sérgio F. Pichorim

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já!  
 Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

## SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.09.06, quigos à escolha: Flor-da-noite, Presépio, Pulga.  
 Remeter até 30.10.06, quigos à escolha: Acará-bandeira, Férias de verão, Gerânio.



Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
 01150-011 - São Paulo, SP

ou [mfmendez@superig.com.br](mailto:mfmendez@superig.com.br)

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterà o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

T R E V O S   À   M O D A   O C I D E N T A L E		T R E V O S   P E R S O N A G E M				
Na festa do brejo o corruira saltita provocando o sapo.	Ciclamens, eretos, numa prece, erguendo as pétalas, espalham beleza.	No meio do verde primavera em essência. Jatobá em flor.	Na tela do espaço desmanchando-se arcos tortos. Arco-íris vernal.	No colo da mãe qual neném, muita saudades... Dia da Juventude.	Desfile e jogos. No Dia da Juventude, só festa e alegria.	Jatobá florido – um louvor à Natureza: encanta quem passa.
Alba Christina	Amália Marie Gerda	Amauri do Amaral Campos	Anacleto Feitoza de Lima	Anita Thomaz Folmann	Cecy Tupinambá Ullhoa	Djalda Winter Santos
No velho telhado a volúpia sem pudor. Um amor felino!	Lustrosa beleza das bagas de jatobá enfiteando a mesa.	Faz mago pincel, de um jacarandá em flor, árvore vegetal.	Para mim, poesia. Alimento para a abelha. Uma flor de pereira.	Planta magnífica, o jatobá majestoso. Enfeita a floresta.	E Dia da Juventude. Na minha terceira idade, recordo saudoso.	No Dia do Anceão há festejos na praça. Sorrisos remoçam.
Elen de Novais Felix	Fernando L. A. Soares	Fernando Vasconcelos	Franciela Silva	Haroldo Rodrigues de Castro	Helvício Durso	Héron Patrício
Papelada à vista! No Dia da Secretária nem mesmo um abraço.	O bonito choro <i>Tico-tico no fubá,</i> alegra vovó...	Vernal arco-íris vejo da minha janela ninho de emoções!	<i>Jovens! Drogas, Nunca!</i> No Dia da Juventude, manchete em jornais.	Tome uma atitude, é o Dia da Juventude! deixe de ser rude.	Grande jatobá! árvore leguminosa, também jatai.	Sonhos e esperanças no Dia da Juventude: – Ver o mundo em paz!
Humberto Del Maestro	João Batista Serra	Jorge Picanço Siqueira	Leonilda Hilgenberg Justus	Marcelino Rodrigues de Pontes	Maria App. Picanço Goulart	Maria Madalena Ferreira
Ipê amarelo, ouro brasileiro. Flor do cerrado.	Verde. Diabo verde. A Amazônia devastada perde-se no dia.	Menino cobiça as amoras bem do alto. Cai ferido, chora.	Beijando a roseira borboleta esvoaçando se oculta no espaço.	Natureza em flor. Casamento da raposa. Arco-íris vernal.	Celeste homenagem ao Dia da Juventude: no céu lua nova.	Tumbérgia azul sobe, sobe, até o céu encontra os anjos.
Nadyr Leme Ganzert	Nilton Manoel Teixeira	Olga Amorim	Olga dos Santos Bussade	Roberto Resende Vilela	Santos Teodósio	Suely da Silva Mendonça

Por todos os lados asas perseguindo cores – tarde de setembro.	O canto das águas no leito que se avoluma – rio de primavera.	Manhã de primavera – o inhambe desenrolando duas folhas ao sol.	Sol de primavera – o pássaro abrindo as asas sossegadamente.	Campo queimado – árvore de um só galho um cacho florido.	Cortina de chuva – a primavera caindo atrás da vidraça.	Chuva de primavera – apoiando-se um no outro seguem dois velhinhos.
--	---	---	--	--	---	---

Teruko Oda, de Janelas e Tempo, 2003; Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., Telefax: (011) 5082-4190, E-mail: vendas@escrituras.com.br

## T E S T E M U N H A O C U L A R

Hilary Stevens, em Ellery Queen – Mistério Magazine, março de 1977

Dawg me viu fazendo aquilo. Eu nem sabia que ele estava perto quando apanhei o rifle de Pete e puxei o gatilho. Não durou mais que um segundo. Pete não teve tempo nem de sair da cadeira. Ele disse “Não, Sam!”, e caiu no chão da cabana.

Foi então que ouvi um suave rosnado atrás de mim. Virei-me e vi Dawg parado na frente da porta aberta, com a lua brilhando em seu pelo prateado. Pete dizia que ele era meio cão e meio lobo, e acho que sua aparência confirmava essa afirmação. Olhos cinzentos, presas brilhantes, e uma boca que às vezes parecia sorrir. Mas nem sempre um sorriso amistoso.

Pete encontrara o animal quatro anos antes, um filhote abandonado que se apegava a uma vida dura e difícil. Talvez tivesse sido abandonado pela mãe. Ou talvez a mãe tivesse morrido. De qualquer modo, Pete recolheu-o e os dois tornaram-se ótimos amigos.

Eles não dependiam um do outro. Às vezes Dawg ausentava-se durante dias, mas isso não preocupava Pete, principalmente porque o animal voltava sempre bem disposto e bem alimentado. Ele sabia se cuidar, instintivamente. Ou talvez a mãe dele tivera tempo para dar-lhe algumas lições antes de deixá-lo só.

Mas Pete gostava muito do animal, e às vezes, durante alguma ausência mais prolongada de Dawg, saía andando pela montanha, na tentativa de avistar algum ponto cinza-prateado movendo-se na paisagem. E quando Pete sentia-se sociável e me convidava para jogar cartas em sua cabana, sempre que ouvia algum uivo na noite ele erguia a cabeça, atento, para dizer em seguida. – Não, esse não é o Dawg. Mas ele pode voltar a qualquer momento, agora.

Parece que Dawg também gostava de Pete. Uma das histórias preferidas do velho era sobre uma vez em que fora caçar nas montanhas, quando caiu e torceu o tornozelo, o que tornou sua volta temporariamente impossível. Dawg encontrou Pete, e durante os três dias seguintes levou esquilos e coelhos recém-caçados para seu companheiro ferido.

– Ele me trazia inclusive gravetos secos pra fazer a fogueira – comentava Pete sempre que contava a história, coisa que aliás ele fazia todas as vezes que me encontrava. – Esse bicho é muito inteligente, Sam. Muito mais inteligente que a maioria das pessoas que conheço.

Ele dizia isso e olhava pra mim de um modo significativo. Pete estava sempre dando indiretas a meu respeito; ele jamais fora com minha cara. Mas a culpa era minha. Eu nunca deveria ter revelado o motivo que me levava a morar na montanha. Nunca deveria ter dito que estava enojado de uma sociedade que treinava seus homens para serem soldados e depois rejeitava-os.

– Mate os amarelos! Mate os amarelos! – eles diziam pra gente. Fiz o que eles mandaram e eles me puseram na cadeia.

– Você matou os amarelos errados, Sam – foi tudo que eles disseram.

Assim, quando fui libertado, vim morar na montanha, onde eu poderia fazer o que quisesse sem precisar ouvir nada de ninguém. Nada a não ser as indiretas de Pete, que com o tempo começaram a me irritar cada vez mais. Eu devia ter me afastado do velhote. Não sei por que não fiz isso.

A última observação que Pete fez foi a pior

de todas. Estávamos jogando cartas, e eu estava reclamando de minha má sorte naquela mão. De repente, ele olhou pra mim como se estivesse diante de um peixe morto há três dias e disse: – Você está muito deprimido hoje, Sam. Acho que está precisando é de uma mulher... pra atirar nela pelas costas.

Foi como se ele tivesse apertado algum botão escondido. Fui envolvido por antigos sentimentos, e não precisei pensar em nada. Fiz tudo automaticamente.

O rifle de caça de Pete estava logo ali. Bem à mão.

Depois fiquei um pouco surpreso. Eu não queria realmente matá-lo, mas não me sentia particularmente triste por isso. E o que está feito está feito.

Assim, quando Dawg começou a rosnar para mim, virei o corpo e aponte o rifle para ele. Mas no instante seguinte ele já não estava mais lá, e a bala cravou-se no chão.

Corri quase um quilometro até minha cabana – coisa difícil naquela altitude – e estava exausto quando me joguei sobre a cama.

Ninguém mais além de nós dois vivia na montanha, e se alguém descobrisse que Pete fora morto a tiros eu seria considerado o Suspeito Número Um.

Pensei simplesmente em enterra-lo. Ninguém iria notar sua falta por algum tempo. Ele tinha ido à cidade recentemente, para comprar as provisões de que precisava, e ninguém esperava vê-lo de novo antes do início do outono. Contudo, mais cedo ou mais tarde alguém começaria a fazer perguntas.

Se eu dissesse que Pete morrera naturalmente, eles diriam que eu deveria tê-los informado e poderiam querer examá-lo. E aí ficariam sabendo de tudo. E eu acabaria apodrecendo em alguma cadeia outra vez.

Quanto mais pensava no assunto, mais me parecia claro que eu tinha de sair daquele lugar. Poderia ir para o México. Lá estaria seguro. Poderia viver de caça pelo caminho, e levaria a comida enlatada que tinha na cabana se tivesse de ficar um ou dois dias sem caça.

Revirei minha despensa. Duas latas de feijão e uma lata de sopa de carne de vaca. Eu já havia planejado ir à cidade naquela semana... Aliás, eu devia ter ido junto com Pete, mas na hora não tive vontade. Além do que eu não precisava de quase nada nessa época do ano: só de munição. Eu vivia da caça.

Ora, inferno! Eu tinha de ir mesmo só com os feijões e a sopa. Joguei as latas na mochila, esvaziei uma caixa de balas no bolso, peguei meu rifle e saí pela porta.

Dawg estava lá, parado na clareira, a mais ou menos 50 metros da cabana. Ele parecia um cão-fantasma sob a luz da lua, e mesmo àquela distância eu podia ouvir o seu rosnado baixo e ameaçador.

Fiquei chocado. Por alguns momentos cheguei a esquecer que tinha uma arma na mão. Depois abri fogo e errei. Mas o maldito animal não fugiu. Ele dançava na minha frente como se estivesse participando de uma espécie de jogo. Atirei mais duas vezes, mas errei novamente.

Que vá para o inferno, pensei. Não faz sentido ficar desperdiçando balas. Eu podia esperar até de manhã. Durante o dia seria mais fácil acertá-lo; isso se já não tivesse ido embora.

Voltei para a cabana e revirei o lugar até encontrar meia garrafa de uísque. Era um uísque ordinário, quase álcool puro, mas eu precisava de um trago. Minhas mãos tremiam quando levei a garrafa à boca.

Fiz alguns cálculos. Eu levaria dois, talvez três dias para sair do Estado se fosse pelas montanhas. Depois eu poderia

continuar de carona, e chegaria ao México em uma semana. Ninguém iria preocupar-se com Pete durante esse tempo. Então eu estaria seguro; não tinha por que me preocupar.

Esvaziei a garrafa de uísque e me senti bem melhor. Agora, pensei, vou dormir um pouco.

Mas eu mal fechara os olhos quando ouvi um uivo medonho vindo de fora, de um lugar bem próximo da cabana, e por um instante senti todos os pelos do corpo eriçados. Depois consegui me controlar.

– Ele não vai continuar com isso a noite toda – murmurei, enterrando a cabeça no travesseiro. Mas não foi suficiente para abafar o som dos uivos de Dawg.

Finalmente decidi acabar com a coisa. Apanhei o rifle outra vez e saí, cambaleando um pouco. Era o efeito da bebida, mas eu disse a mim mesmo que era falta de sono.

Os uivos pararam quando passei pela porta, e pouco depois vi o animal correndo pela clareira. Depois ele parou e olhou para mim, me desafiando.

Ergui o rifle e fiz fogo. O cão dançou e eu errei o alvo. Atirei outra vez e mais outra, e quanto mais atirava mais eu perdia a cabeça. Finalmente levei a mão ao bolso pra pegar mais algumas balas e percebi que usara toda a minha munição.

Senti-me doente. Que coisa estúpida fui fazer! De alguma forma, Dawg sabia que eu não tinha mais balas, pois foi-se aproximando devagar, até ficar a não mais que dez metros de mim, sorrindo. Eu podia ver claramente seus olhos na luz do luar: havia ódio neles. Eu já tinha visto ódio nos olhos de muita gente, principalmente durante a guerra, mas aquilo num animal era diferente, era muito mais aterrorizante.

Recuei até a cabana e tranquei a porta. Mas não pude dormir. Eu estava muito doente. Quando o sol surgiu no alto da montanha, senti uma violenta ressaca e muita sede.

Não havia água na cabana. O riacho corria a mais ou menos cem metros dali. Olhei para fora e vi Dawg deitado na clareira, vigilante. Eu não tinha ilusões de passar por ele desarmado. Eu já vira Dawg acabar com um alce quase adulto sem nenhum esforço.

Abri a lata de sopa e experimentei uma colherada. Era sopa concentrada, muito salgada, e ia apenas aumentar minha sede.

Sentei-me, e comeci a pensar na minha situação. Eu não tinha água, apenas duas latas de feijão. Dawg tinha água. Ele poderia até caçar um coelho ou um esquilo, enquanto me mantinha sob vigilância.

Se aquilo ia ser um teste de resistência, Dawg tinha todas as chances a seu favor.

Não havia nada que eu pudesse fazer a não ser esperar.

Dois dias passaram, talvez três. Era difícil saber ao certo. Eu só conseguia dormir durante curtos períodos, e depois de algum tempo não sabia mais se estava dormindo ou acordado. Pensei ter visto Dawg na janela umas duas vezes, e acabei atirando uma bota na vidraça. O ruído do vidro estilhaçado devolveu-me à realidade. Aquilo tinha sido outra tremenda estupidez. Era quase o mesmo que deixar a porta aberta para ele. Desesperado, quebrei umas das cadeiras e revistei a cabana procurando alguns

pregos para consertar a janela. Foi então que achei a bala.

Eu devia tê-la derrubado quando despejei a caixa no bolso, ou talvez já estivesse perdida há mais tempo. O importante era que eu tinha uma bala, e Dawg pensava que era seguro aproximar-se de mim.

Carreguei o rifle e segurei-o atrás das costas quando passei pela porta. Dawg estava a uns cinco metros de distância, rosnando. Quando viu a arma, ele saiu correndo, mas era tarde demais. Acertei-o no flanco esquerdo. Dawg soltou um ganido agudo e começou a mancar. Quando chegou à clareira parou e olhou para mim. Agora ele sabia que eu não tinha mais munição.

Dawg voltou mancando em minha direção, rosnando cada vez mais alto, e parou a mais ou menos três metros da porta. Percebi que meu tiro atingira alguma artéria, pois o animal sangrava abundantemente. O sol se punha no oeste, e calculei que Dawg não viveria até a manhã seguinte.

Veio a noite, e de alguma forma consegui dormir. Era minha primeira noite de sono sem interrupções desde que eu matara Pete. Quando acordei, o sol já estava acima das árvores. Olhei para fora e fiquei surpreso ao perceber que Dawg fora embora.

Ele sabia que sua hora havia chegado, pensei, e acabaria voltando à floresta para morrer sozinho. Todos os animais selvagens fazem isso.

Depois de me certificar de que Dawg tinha mesmo ido embora, saí da cabana e fui até o riacho. Foi uma caminhada lenta e difícil. Eu estava fraco, meus joelhos tremiam, mas sabia que ficaria bem com um pouco de água e alguma comida.

Creio que bebi uns dez litros de água, e me sentia melhor a cada gole. Agora o que eu tinha a fazer era ir até a cabana de Pete, pegar um pouco da sua comida, sua arma, sua munição, e dar o fora dali. Afinal, eu ia conseguir. Comecei a andar, quase tonto de alívio.

Mas quando abri a porta de Pete encontrei o xerife inclinado sobre o cadáver.

– O que aconteceu? – perguntei estupidamente.

– Alguém matou Pete – ele respondeu. – Parece que aconteceu há alguns dias. Acho que foi morto com o próprio rifle... as impressões digitais ainda devem estar no gatilho.

Ele olhou para mim e continuou: – Eu vou querer tirar suas impressões digitais. Sam. É melhor vir comigo.

Dei um pulo desesperado em direção ao rifle de Pete, mas acabei encontrando o cano do revólver do xerife à minha frente.

– Não faça nenhuma besteira, Sam.

Depois que descessem uma parte da montanha e chegassem ao lugar onde o xerife estacionara o jipe, eu fiz uma pergunta. – Como é que o senhor veio parar aqui?

Ele olhou para mim e respondeu: – Encontrei Dawg morto na frente do bar, hoje de manhã. Eu pensei em avisar o Pete.

E depois de algum tempo murmurou, quase que para si mesmo: – Estranho, um animal como o Dawg...

– Como assim?

Um animal como ele ir morrer na cidade. Isso não é natural. Por que terá feito uma coisa dessas?

Sabe o que o Jean Valjean, de Os Miseráveis, disse pro Inspetor Javert? – Larga do meu pé, chulé!